

José de Alencar e a língua portuguesa

JB Serra e Gurgel (*)

Muitos escreveram tentando diminuir a dimensão de José de Alencar na língua portuguesa e brasileira, no romance português e brasileiro, na literatura portuguesa e brasileira. Trata-se de anacéfalos, ignorantes, analfabetos de pai e mãe, botas e esporas, ou analfabetos funcionais, cujos exércitos zumbem pelo Brasil. “José de Alencar é o patriarca da literatura brasileira”, com seu romance urbano, romance histórico e romance regionalista. Este reconhecimento empolga o Ceará, mas não se transfunde na comunidade brasileira, por resistências bairristas e mesquinhas. Nós cearenses, que também somos alencarinos, como espécie, enxergamos longe o processo de desconstrução de José de Alencar, a partir da farsa de que não fora um abolicionista convicto, embora como Ministro da Justiça do Império tenha assinado em 1868 a lei que proibia a venda de escravos sob pregão e sua exposição ao público. Machado de Assis, mulato, fora omissos e distante.

São os mesmos que ignoram o talento de Machado de Assis, Lima Barreto, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Cecília Meirelles, Jorge Amado, Adonias Filho, Arthur Ramos, Arthur Azevedo, Joaquim Manoel de Macedo, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Sergio Buarque de Holanda, Aníbal Machado, Guimaraes Rosa, Fernando Sabino, Vinicius de Moraes. Cyro dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Otto Maria Carpeaux, Josué Montelo, Vianna Moog, Erico Veríssimo, R. Magalhaes Jr., Gustavo Barroso, Roberto Campos, José Guilherme Merquior, Roberto da Matta, Gonçalves Dias, Castro Alves, Olavo Bilac, Casimiro de Abreu

No final de seu livro *Diva* (1864), ano de seu casamento com D. Ana Cockrane, filha de um médico inglês, descendente do almirante Cockrane que participou das lutas da Independência, José de Alencar escreveu o “Pós-escrito” que é um manifesto em defesa da língua portuguesa e uma “Nota” em que esclarece os significados de apenas 17 palavras em *Diva*, que são neologismos e não galicismos ou gírias. Em princípio, quis protestar contra pseudos galicismos contidos em *Lucíola*, identificados pela crítica. Mas em realidade, fixou os parâmetros de sua obra em termos de frase e estilo. Como dominava a língua, seu conteúdo e sua práxis, demarcou o território de seu tempo e sua presença na literatura portuguesa, refutando enquadramentos.

A partir da confissão de sentir “a necessidade de confessar um pecado seu: gosta do progresso em tudo, até mesmo na língua que fala. Entende que sendo a língua instrumento do espírito não pode ficar estacionária quando este se desenvolve. (...) A língua rompe as cadeias que lhe querem impor, e vai se enriquecendo já de novas palavras já de outros modos diversos de locução. A língua é a nacionalidade do pensamento como a pátria é a nacionalidade do povo. Da mesma forma que instituições justas e racionais revelam um povo grande e livre, uma língua pura, nobre e rica anuncia a raça inteligente e ilustrada”.

“A linguagem literária, escreveu, escolhida, limada e grave, não é por certo a linguagem cediça e comum, que se fala diariamente e basta para a rápida permuta das ideias: a primeira é uma rate, a segunda é um simples mister”.

José de Alencar assinala que “Gil Vicente não seria aplaudido se em seus autos falasse a linguagem do tempo de D.Dinis (...) Mas escritor algum, fosse ele Homero, Virgílio, Dante ou Milton, seria capaz de fazer parar ou retroceder uma língua”. A linguagem do próprio Shakespeare seria anacrônica se não fosse atualizada, tarefa a que se impõem os adaptadores de seus espetáculos e que dão vida a Hamlet, Otelo, Romeu...

O quinhentismo que dominou por um século a língua portuguesa passou, mas “o estilo quinhentista tem valor histórico: é um estudo de costumes que no romance do gênero adquire subido valor, como provaram Alexandre Herculano e Rebelo da Silva”.

Há entretanto um distanciamento de estilo entre José de Alencar (1829-1877) e Eça de Queiroz, (1845-1900) os dois grandes gênios da literatura portuguesa, do século XIX. Há em José de Alencar o apuro, o esmero e a lapidação da língua, não importa o contexto. Ele não vulgariza nem barbariza. Mantém o que considera seu estilo límpido e cristalino, sem perder a ternura com a língua falada. Foi o ícone do Romantismo, entre nós. Já Eça de Queiroz tem na tessitura dos seus romances, escritos à distância de Portugal, mas dentro dele, o rompimento de todos os padrões do Romantismo (Almeida Garrett e Alexandre Herculano), mostrando pela ótica do Realismo (Antero de Quental e Teófilo Braga), as entranhas do povo português, suas grandezas e misérias. Sua linguagem não vulgariza nem barbariza, mas se aproxima da língua falada, com muitos calões, que renovam a linguagem.

Ambos foram estadistas, Alencar como deputado e ministro da Justiça, Eça como diplomata em Havana, Londres e Paris.

Na “Nota” de Diva lá estão os neologismos, com ampla satisfação aos críticos que viram na acusação de galicismo uma forma de diminuir a importância de Alencar. O Realismo brasileiro não liquidou com o Romantismo. São etapas distintas do processo literário. A “Nota” explicita preocupações de Alencar com a lexicografia e a etimologia, entregando aos leitores de forma esmiuçada a origem de algumas palavras como núbil, escumilhar, pubescência, exale, palejar, fado, gárceo, garrular, olimpico, elance, rutilo, roçar, frondes, aflar, rubescência e fervilhar.

JB Serra e Gurgel (Acopiara), jornalista e escritor